

Cidade lado B: reflexões sobre os espaços-lixo



Introdução ao Trabalho de Conclusão de Curso
Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Acadêmica: Camilla Sbeghen Ghisleni
Orientador: Prof. Rodrigo Bastos

2013.2

SUMÁRIO

Introdução à sociedade do excesso.....	01-04
A ideia da finitude	
Lixo: objeto e metáfora	
A cultura do excesso	
Lixo: categoria urbana	07 -08
O habitar na sociedade de consumo	
Espaços-lixo.....	09-13
A contraimagem da cidade	
Redutos Urbanos	
Cenas do lixo.....	15-22
O corpo e o resto	
Espaços-lixo como forma de interpretação	
A estética do resíduo: possíveis desfechos.....	25



Introdução à sociedade do excesso

A IDÉIA DA FINITUDE

Desde os pré-socráticos até os pensadores contemporâneos, uma sombra parece acompanhar todo o desenvolvimento do pensamento racional. Provavelmente porque a própria morte tenha sido a primeira grande descoberta do homem, já que ele mesmo deu-se conta de sua finitude, ou seja, de que sua vida embora dotada de toda singularidade na natureza, em um determinado momento deixava de existir.

Por isso, a infinitude sempre foi atribuída à perfeição divina, ao infinito divino, e ao homem, na sua condição secundária, foi designada a finitude. Essa é a primeira interpretação de negatividade do fim, a finitude é considerada um limite, uma barreira, ela é a própria fragilidade da nossa existência.

Por causa dessa certeza do fim que muitas vezes somos tomados por uma incontável angústia ao perceber a passagem do tempo que tudo devora.

Somos lembrados dessa nossa condição temporal toda vez que nos deparamos com algo em processo de degradação, seja uma fruta apodrecendo aos pés da árvore, um corpo animal se decompondo na beira da estrada ou até mesmo uma casa abandonada sendo consumida pela vegetação. Nesses momentos essa angústia se faz presente e nos damos conta do fim certo de toda a condição mundana, animada e inanimada.

Talvez venha justamente desse medo, a nossa aversão, muitas vezes inconsciente, a tudo que é resto, resíduo, seja orgânico ou não. Mesmo depois de tantos milhares de anos vivendo rodeados por eles, afinal toda a ação humana gera restos - ao preparar uma comida separa-se a parte comestível do todo, o próprio metabolismo insiste em colocar para fora tudo que já não é útil e ao fim, na nossa última ação terrena, deixamos nossos restos - ainda não conseguimos nos adaptar a essa essência civilizatória.

“Assim, uma dupla afinidade simbólica existe em nossa cultura entre morte e lixo: quer porque o que vai para o lixo seja o que está morto, quer porque morrer corresponda a ir para o lixo” (Rodrigues, 1995, p.12)

Porém, mais do que encararmos as sobras como parte da vida cotidiana precisamos primeiro ter consciência de sua produção regida pelas leis do consumismo exagerado.

A mesma civilização que sofre a angústia do fim dá fim a toneladas de objetos todos os dias. É uma contradição contemporânea, onde, ao mesmo tempo em que sentimos aversão a tudo que se torna resto, não paramos de produzi-los e acumulá-los.

A CULTURA DO EXCESSO

O grande marco para essa cultura do excesso na qual fazemos parte hoje, sem dúvida data o início do século XIX, mais precisamente o começo da Revolução Industrial. A partir daí o consumo exorbitante se tornou o “carro chefe” de toda

com o lixo, o que faz com que eles se percam entre a paixão pela aquisição e a paixão em expeli-las, em afastar de si, em expurgar uma impureza recorrente que se acumula em montanhas de podridão e objetos inúteis ao redor da cidade até sufocá-la.

“Quanto mais Leônia expelle, mais coisas acumula; as escamas do seu passado se solidificam numa couraça impossível de se tirar; renovando-se todos os dias, a cidade conserva-se integralmente em sua única forma definitiva: a do lixo de ontem que se junta ao lixo de anteontem e de todos os dias e anos e lustros” (p. 106)

Nós compartilhamos dessa mesma montanha de lixo que Calvino descreve e, como Leônia, nosso passado em forma de resíduo não somente delata nossas atitudes inconsequentes, mas também se torna a mais fiel representação da sociedade dos dias de hoje.

Será então, que o lixo, retrato da modernidade, se tornará também o nosso legado?

indústria independente de seu produto de venda.

A suposição da insaciabilidade foi aceita como argumento pelo senso comum, demonstrando que a dinâmica do capital foi incorporada à cultura e interiorizada pelos indivíduos.

Os consumidores se tornam presidiários inconscientes de uma espécie de armadilha silenciosa, num modelo de crescimento econômico pautado na aceleração do ciclo de acumulação. Os produtos são feitos para durar pouco tempo e serem trocados rapidamente. Esse objetivo do consumo nos rodeia a todo o momento e desde criancinhas somos direcionados a comprar, a consumir, a trocar constantemente as coisas e isso atravessa nossas relações e nossa convivência com os outros humanos.

Estamos nos tornando cada vez mais semelhantes à Leônia, a cidade descrita por Calvino, no seu livro Cidades Invisíveis (1972), onde o viajante Marco Polo relata a intrínseca relação de seus habitantes

02

LIXO: OBJETO E METÁFORA

O conceito de lixo no contexto atual é muito mais abrangente do imaginamos, não necessariamente remete a uma montanha de objetos inutilizados. A palavra lixo tornou-se praticamente um adjetivo. Expressões como “hoje me sinto um lixo”, “esse quarto está um lixo” são corriqueiras e geralmente indicam bagunça, sujeira ou até mesmo degradação, que dentre elas é a condição que mais se relaciona com o lixo.

Kevin Lynch, um dos grandes autores do urbanismo, descreve o conceito de degradado no seu livro póstumo Echar a Perder: Um analisis del deterioro (2005),

“Degradado é o que não tem valor ou não se usa para finalidade humana. É a diminuição do que não tem resultados úteis, é a perda e o abandono, seu declive, separação, morte. É o material gasto, sem valor que se deixa depois de algum ato de produção ou de consumo, porém pode também referir-se a qualquer coisa usada:

03

resíduos, restos, lixo, papéis, móveis velhos, impurezas e sujeira. Há também coisas degradadas, paisagens degradadas, tempo degradado e vidas degradadas.”

Lynch, ao definir o adjetivo degradado, faz com que percebamos uma generalização do conceito, já que, fala em objetos, coisas e até mesmo sensações degradadas. O mesmo acontece com o lixo. Tudo pode ser lixo, ele se torna uma condição, mesmo sendo muitas vezes temporária.

As coisas se tornam lixo quando seu uso faz com que percam as propriedades que as qualificam como sendo uma coisa ou outra. O resíduo se torna então tudo o que não tem lugar, que está fora do seu lugar.

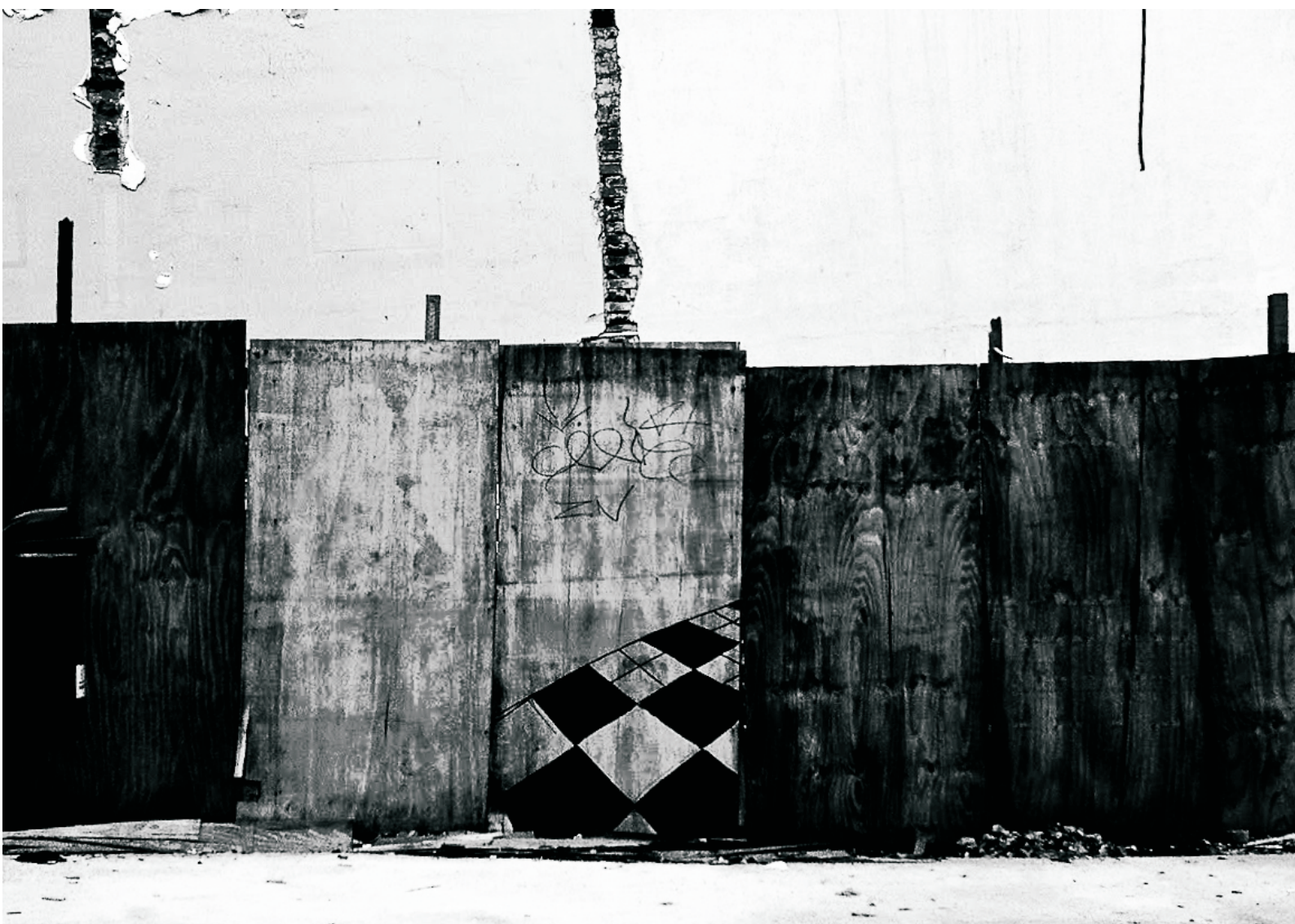
Então, se todas (ou quase todas) as nossas ações são movidas por esse mesmo modo de produção que faz com que deixemos vestígios e sobras em todos os lugares por onde passarmos, por que a arquitetura seria diferente?

Como essa definição de lixo se encaixaria na

arquitetura e no urbanismo de hoje? Se toda a atividade humana deixa restos, que restos, nós, arquitetos temos deixado?

É nessa ideia metafórica de lixo que se encaixa esse trabalho, nessa brecha que indica que todas as nossas atividades estão sob a égide das mesmas posturas inconsequentes de consumo e desperdício.

Esse é o “lado B” que o trabalho pretende mostrar, o conceito de resíduo na sua forma mais urbana que acaba por definir as cidades contemporâneas - cheias de espaços vazios e estruturas abandonadas - como sendo uma lixeira habitada.



Lixo: categoria urbana

O HABITAR NA SOCIEDADE DE CONSUMO

A realidade moderna das nossas cidades desmistificou a ideia da eternidade. Os processos construtivos atuais se assemelham as formas orgânicas, seus elementos têm uma duração determinada e estão irremediavelmente sujeitos a sua obsolescência física e cultural, uma podridão necessária para manter a indústria ativa e a aceleração desse processo redireciona a vida na cidade.

A cidade se torna campo das estratégias do capital e se transforma, sob o direcionamento dessa indústria, em laboratório de testes que visam buscar a maneira mais eficiente de se obter a lucratividade. A arquitetura do movimento moderno também tem sua parcela de “culpa” nessa nova condição arquitetônica, já que, construiu seu discurso sobre os princípios de realidade do mercado e a ritualização do consumo – consumo de objetos, de cultura, de espetáculo. Esse funcionalismo parte de hipóteses fixas, quando, em realidade, as

necessidades de responder são e devem ser as que dinamizem a produção do mercado fazendo-o fluído e mutante.

Assim, essa construção histórica foi aos poucos fazendo com que a arquitetura se tornasse uma mercadoria e o espaço passasse a ser vendido e enquadrado em uma tabela de valores. O modo de produção finalmente se reflete na arquitetura.

Para que esse mercado continue seu fluxo, uma condição é indispensável na arquitetura contemporânea: sua obsolescência. Não me refiro tanto à obsolescência programática, nutrida pelo desejo insaciável do consumismo que faz com que os “bens duráveis” se tornem também efêmeros. Refiro-me a falta de interesse do capital em recuperar lugares já degradados, abandonados, embargados.

O modo de produção não precisa desses espaços, se torna muito fácil construir outros – e não

necessariamente em cima destes – do que integrá-los novamente na dinâmica urbana. Pelo bem do mercado financeiro e da cidade eficiente, sobras e mais sobras arquitetônicas vão sendo acumuladas ao longo dos anos.

Não é difícil perceber que essa é uma condição insustentável, que logo teremos mais sobras do que produtos.

Por isso, chegou a hora de repensarmos esse rumo que a arquitetura está tomando, a fim de possamos perceber qual é o legado das nossas construções, qual é a nossa marca na cidade contemporânea, será mesmo um amontoado de sobras?



Espaços-lixo

A CONTRAIMAGEM DA CIDADE

Fazemos parte, hoje, de um momento de transição, onde as estruturas produtivas já não são símbolos do progresso e uma cidade eficiente não quer dizer uma cidade boa. Esse momento de reflexão é um período permeado por incertezas, uma época de verificação dos fracassos e das consequências geradas por uma ação humana desordenada que acaba por transparecer explicitamente no ambiente urbano produzindo espaços que aparecem como uma contraimagem da própria cidade.

São nesses espaços residuais (inclusive um termo usado corriqueiramente na arquitetura) que se materializam as propriedades do lixo na forma urbana. Sobras arquitetônicas começam a aparecer, ou melhor, começam a preocupar, se tornando abundantes e irremediáveis. São lixos que ninguém recolhe, são restos de alguém e ao mesmo tempo da cidade inteira.

Como vimos no início do texto, o medo do fim e

angustia perante a tudo que está se decompondo estão intimamente relacionados no subconsciente humano. Mas por que será que temos tanto medo? Lynch tenta responder essa pergunta formulando o que ele chama de três fontes contemporâneas do medo da morte, “as crenças religiosas, a separação de outras pessoas e a perda da identidade” (p. 49). A perda de identidade para ele é a mais difícil de suportar.

Apresento essas três fontes, porque algo parecido acontece com esses espaços residuais, as suas identidades se perdem ou no mínimo se modificam drasticamente. O que faz uma arquitetura visível pode, ao mesmo tempo, torná-la invisível aos olhos do outro. Na cidade, os espaços se multiplicam, mudam suas configurações, o que antes tinha uma utilização, num curto período pode cambiar. Visíveis e invisíveis, abandonado e habitado.

Os espaços-lixo são materializados em arquiteturas

abandonadas, em lugares com tempos esquecidos, são ruínas que perderam seus atributos, ou que nunca os tiveram, são restos de construção, desmoronados, explodidos, incendiados, embargados, são, ao mesmo tempo, excesso, abundância e vazio.

Eles podem ser definidos por áreas abandonadas pela indústria, pelas estradas de ferro, pelos portos; áreas abandonadas como consequência da violência, o recesso da atividade residencial ou comercial, o deterioro do edificado; espaços residuais nas margens dos rios; áreas inacessíveis entre rodovias à margem de operações imobiliárias, fechadas sobre si mesmas, de acesso restringido por teóricas razões de segurança e proteção. São espaços que, na sua maioria, estão dentro na lógica de um desenho urbano, mas que não participam da dinâmica da cidade.

Essa condição de abandono, de degradação pode durar um dia, uma hora, anos, séculos. Abandonamos arquiteturas estruturadas para

sem horizonte de futuro.” (Presente y Futuros, 1996).

São espaços, como o próprio Solá-Morales diz, um tanto quanto contraditórios, estão vivos e mortos ao mesmo tempo, abertos e fechados, públicos e privados, seus limites se esfumam. São territórios de desestabilização, de contradição, de desvio, lugares onde se colocam frente a frente a realidade pretendida e a ilusão radical que nos cerca.

REDUTOS URBANOS

Irena Fialová, arquiteta tcheca, em seu texto *Terrain Vague: um caso de memória* (1996), discorre sobre a ideia de que um determinado espaço se converte em um *terrain vague* sempre como consequência de sua história. O lugar em questão guarda relação com o passado e não estabelece um novo vínculo com o presente.

Segundo a autora, cada *terrain vague* possui uma resistência à mudança, devido sua história, memória e identidade. Se essa resistência à mudança é muito

adentrar num mundo desestruturado, materialmente falando. É uma arquitetura sem abrigo, sem aconchego, algo que mesmo assim insiste em ser arquitetura. São lugares marginais no meio da cidade se decompondo no meio do cotidiano.

O arquiteto Solá Morales faz uso de uma expressão francesa que define muito bem esses espaços. *Terrain vague*, traduzida em outros idiomas não tem a mesma força da palavra em francês que mostra como tanto a noção de *terrain* como a de *vague* contêm uma ambiguidade e uma multiplicidade de significados, que é justamente o que faz com que essa expressão seja especialmente útil para designar uma categoria urbana e arquitetônica na qual classificamos lugares, territórios ou edifícios que participam de uma dupla condição.

“Por uma parte, “vague” no sentido de vacante, vazio, livre de atividade, improdutivo, em muitos casos obsoleto. Por outra parte, “vague” no sentido de impreciso, indefinido, vago, sem limites determinados,

12

forte, em outras palavras, significa que a ideia transformadora é muito débil.

Essa constatação faz com que se tornem equivocadas as ideias arquitetônicas relacionadas a esses espaços, já que os projetos e intervenções visam sempre reintegrar esses espaços ou edifícios na trama produtiva da cidade eficiente.

Mas será que seria essa a abordagem adequada? Será que esses espaços não se apresentam como um reduto não contaminado capaz de instigar a liberdade individual?

Por acaso não temos vivido assolados por um pessimismo urbano que critica a cidade contemporânea e busca a vida nos espaços alternativos como frente à agressiva realidade cotidiana das metrópoles?

Enquanto os espaços desenhados para a cidade eficiente são, em sua maioria espaços controladores que padronizam e antecipam os comportamentos,

13

que designam normas restritivas às possibilidades de uso suprimindo boa parte das experiências possíveis, os espaços-lixo são justamente seu oposto.

Talvez sejam de espaços como esses que a cidade esteja carente. Espaços de liberdade, de indefinição e improdutividade relacionados às experiências do passado, da ausência, aos valores do vazio, que se tornam uma arma crítica diante do presente corriqueiro e produtivista. Lugares que tem um potencial para escapar da hegemonia da dominação panóptica, que são pura experimentação.



Cenas do lixo

O CORPO E O RESTO

Não existe neutralidade e nem imparcialidade do indivíduo frente a esses espaços-lixo. Ele se coloca como agente que descobre e cria imagens subjetivas, sejam elas históricas, sociais, culturais, econômicas ou afetivas. Diante desse espectro de solidão e de abandono, o homem se espelha e se estranha. Ali somos confrontados com a própria iminência do fim.

Desconectados do seu valor de uso, os espaços-lixo podem provocar momentos de reconhecimento em formas espaço-temporais que são totalmente novas e ao mesmo tempo estranhamente familiares. São abandonos desestruturados que dão indícios de que alguma forma ali existiu. Pedacos de tetos e paredes - descontínuos como a história da edificação - eles são o próprio despedaçamento do corpo.

Desde fora somos instigados a vencer a fronteira desses espaços, ora visível na forma de tapumes, ora invisível através de uma porta semiaberta.

Eles parecem estar nos acenando, nos convidando a entrar, a explorar, a dar um uso, mesmo efêmero, mesmo que de passagem, mesmo que esse uso seja só o de observar.

Um dentro (se é que se pode dizer “dentro”) desse espaço, o corpo se permite uma exploração liberal e cuidadosa, não existem normativas que indiquem a forma de se comportar ou utilizar esses espaços, eles são livres da influência de qualquer imposição ocasionada por uma precondição.

Esses espaços abertos a diferentes interpretações e comportamentos são, o que o arquiteto Igor Guatelli define como “espaços-entre”, onde para sua definição, ele faz uso da filosofia desconstrutivista de Derrida, mais especificamente revisando o conceito de Khôra, que para o filósofo seria,

“Uma região, um receptáculo, que passaria a ter uma forma a partir de interpretações externas, que

deixariam nela a marca esquemática de sua impressão e de sua contribuição. Apesar disso, a Khôra jamais se deixaria se sequer atingir ou tocar e, sobretudo, não se deixaria esgotar por esses tipos de tradução trópica ou interpretativa; a Khôra seria capaz de adquirir as mais diversas formas, mas ao mesmo tempo capaz de permanecer em sua condição original". (Derrida, 1995, p. 19)

É justamente isso que acontece com os espaços-lixo hoje capazes de receber diferentes usos e funções mantendo sua mesma composição. São espaços que permitem uma liberdade de expressão, permitem usos mutáveis e efêmeros. Eles se tornam, no meio do cenário caótico da cidade contemporânea, territórios de ninguém, abertos a qualquer tipo de conduta.

Denis Wood, segundo Lynch, chama esses lugares de “espaços sombrios”, lugares ocultos, marginais, incontrolados, onde podemos nos permitir condutas nunca antes a nós permitidas. Podemos rasgar, colar, descolar, assim como as mais diferentes manifestações humanas e desumanas.

Nessa parte do texto busco trazer algumas imagens representativas desses espaços na cidade de Florianópolis, intencionado o olhar da câmera à situações e condições pouco presentes na paisagem de trabalho do arquiteto contemporâneo. Nessa imagens se faz possível ressaltar o contraste entre habitado e o abandonado, entre o previsto e o inesperado.

Apesar de eu, como a maioria das pessoas, já ter estado em um espaço-lixo antes, decidi repetir a ação. Dessa vez não como uma criança em busca de um lugar para brincar e sim como uma arquiteta em busca de perguntas e respostas.

manifestações humanas e desumanas.

ESPAÇOS-LIXO COMO FORMA DE INTERPRETAÇÃO

Fazer uma radiografia desse “lado B” da cidade, através da revisão de suas paisagens vagas nos faz voltar a ver a heterogeneidade, a descontinuidade com a que a cidade tem sido feita, nos permite ver outros processos que não são talvez os convencionais.

Segundo Joan Busquets, no seu texto *Novos fenômenos urbanos e novo tipo de projeto urbanístico* (1996) o interesse na categoria *terrain vague* para entender novos fenômenos urbanos em nossas cidades vem seguramente da sua expressiva capacidade como forma de observação. Se o conhecimento moderno se baseia na capacidade de “explicar” e “compreender” o *terrain vague* nos abre uma observação positiva e estimulante de fenômenos urbanísticos normalmente entendidos como negativos, desconhecidos e/ou problemáticos.

16

Cenário lixo 01



Casa abandonada embaixo da ponte Hercílio Luz

Fonte: autor

17



Primeira cena. Fonte: autor

pedaços de arquitetura também era arquitetura. Mesmo desmembrado o espaço não era uma rua, mas também não era uma casa. As poucas paredes que sobravam conformavam um lugar único, um dentro e fora.

Passei a reparar nos sinais nas paredes, as inscrições que diziam “nova família” não passavam tentativas frustradas de fazer com que aquele espaço tive um dono, fosse seu, pelo menos por um instante.

Além das pichações, encontrei várias outras pistas que revelaram indícios de atividades humana. Eram objetos abandonados que traçavam um perfil daquela paisagem, eram elementos que representavam restos sobre restos de uma vida que ali se gerou espontaneamente, uma atividade pública ou privada, licita ou ilícita que encontrou naquele espaço-lixo seu cenário natural.

A cada objeto eu tentava imaginar quantas pessoas já haviam passado por lá, quanto usos diferentes já deram àquele lugar, quantos “donos” por alguns instantes ele já teve. Só assim, entendi a

Suas portas e janelas estão todas lacradas, a única forma de entrar nesse espaço-lixo é através do pedaço de muro derrubado. A casa, localizada numa posição privilegiada, que antes provavelmente era uma mansão privada, agora



é território de ninguém. Mesmo sabendo disso, a insegurança e a sensação de estar invadindo o espaço de alguém estavam presentes cada vez que os meus passos faziam barulho de telha quebrada enquanto me deslocava de um “cômodo” ao outro. Me flagrei tentando entender o que fazia com que as minhas atitudes mudassem tanto quando atravessado o muro destruído. Em nenhum momento deixei de estar atenta, por onde pisava, para onde olhava, que barulhos escutava. Senti medo, senti vontade de limpá-lo, de organizá-lo, mas depois entendi que

19

heterogeneidade e ao mesmo tempo a singularidade desses espaços, as memórias individuais e completamente diferentes que aquele mesmo espaço proporcionou a cada um que passou por ali.



Vestígio 01. Fonte: Autor

18



Vestígio 02. Fonte: autor.



Vestígio 03. Fonte: autor.



Prédio abandonado na fase de construção.
Fonte: autor.

O segundo exemplo de espaço-lixo que ilustro aqui se trata de um edifício de três andares localizado na parte continental da ilha, logo após o término da ponte. Diferente do outro, esse nunca chegou a ser o que deveria ter sido, ele nasceu para ser espaço-lixo, foi ruína desde sempre. Não sei ao certo se foi embargado ou se houveram problemas financeiros, o que sei é sobre o seu resto que está ali, um enorme amontoado de estruturas. A estreita trilha demonstrada na foto abaixo leva ao que seria garagem do prédio. Por ter uma configuração formal muito mais definida do que o outro espaço

visitado, esse provoca uma sensação que se aproxima à de uma casa, de um abrigo. Talvez foi justamente por causa desse sentimento que não me atrevi a subir a escada que levava ao primeiro pavimento. Senti que aquele lugar tinha dono.





Vestígio 01. Fonte: autor.



Vestígio 02. Fonte: autor.

Comparando esses dois espaços-lixo percebi que mesmo alheios à dinâmica urbana esses espaços acabam por encontrar sutis maneiras de se relacionar com o seu entorno imediato. Isso foi possível concluir através dos vestígios ali encontrados.

No primeiro caso, o espaço está localizado em um entorno de muita atividade noturna como bares e boates. Por isso, encontra-se com mais facilidade garrafas de bebida e maços de cigarro. Enquanto isso, o outro espaço está situado em uma área residencial, portanto, os restos vistos ali são de uma natureza mais “promíscua” e menos relacionada a festas.

São tentativas de fazer parte de uma dinâmica lógica da cidade e mesmo que irrisórias e efêmeras essas atividades demonstram que ainda existe algo ali dentro, mais do que uma carcaça de estruturas, existe uma sobrevivência, marginal e excluída tentando de todas as maneiras voltar à cidade da qual foi excluída.



A estética do resíduo: possíveis desfechos

Comecei esse semestre cheia de dúvidas e estou acabando-o com mais ainda, elas somente mudaram de foco. Acredito que esse seja o objetivo de um trabalho final, trazer dúvidas e inquietações tanto para quem o está desenvolvendo quanto para quem de alguma forma entra em contato como ele.

Estudar a idéia de lixo no âmbito da arquitetura e do urbanismo é um desafio grande, principalmente por se tratar de uma preocupação ainda, digamos, muito recente. Mas é justamente por esse motivo que considero um tema bastante pertinente para um trabalho de conclusão de curso, já que, como um professor comentou em uma banca alguns anos atrás, “se analisarmos os tcc’s das últimas décadas contaremos a história do país”.

Durante os próximos meses pretendo me posicionar quanto à esses espaços, a fim de entender que tipo de intervenção caberia à eles. Se o projeto trará uma solução ou uma crítica eu ainda não posso dizer. Mas espero que, seja lá como ele for, traga à tona essas questões e que se não resolva que pelo menos deixe uma alerta.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas Desperdiçadas*. Tradução Carlos Albert Medeiros – Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005;

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução: Diogo Mainardi - São Paulo, Cia das letras, 1990;

FIALOVÁ, Irena. *Presente y futuros. Terrain Vague: um caso de memória*. Barcelona, 1996;

GUATELLI, Igor. *Arquiteturas dos entre-lugares: sobre a importância do trabalho conceitual*. São Paulo: Editora Senac, 2012.

LYNCH, Kevin. *Echar a perder: un analisis del deterioro* - Barcelona: Gustavo Gili, 2005.

ROCHA, Eduardo. *Arquiteturas do abandono*. - Porto Alegre, UFRGS, 2010.

RODRIGUES, J. C. *Higiene e ilusão: o lixo como invento social*. Rio de Janeiro: NAU, 1995.

SOLA MORALES, IGNASI. *Presente y futuros. La arquitectura en las ciudades*. Barcelona, 1996;

SOUZA, Ricardo Abussafy. *O lixo e a conduta humana: gestão dos insuportáveis na vida urbana / Patrícia Terezinha Cândido*. - São Paulo, 2013.